

Mídias culturais: figurações da resistência no jornal *Varadouro* e no cinema em Rio Branco, de 1977 a 1981¹

Jefferson Henrique Cidreira²

Resumo

Neste trabalho, pretendemos fazer um estudo em torno do jornal *Varadouro*, no estado do Acre; precisamente como um elemento de resistência contra os discursos e a política dos governantes militares e estaduais. Foi através dos discursos de resistência que passou a vincular uma (re)apresentação de uma nova realidade conflituosa no Acre. Para tal estudo, utilizaremos como aporte teórico/metodológico as pesquisas de Mikhail Bakhtin; além de charges, que nos permitirão fazer um estudo conciso sobre esse jornal no Acre, possibilitando notarmos o seu uso como meio resistência às oligarquias e governantes acreanos, nomeados pela Ditadura Militar.

Palavras-chave

Discurso oficial.
Jornal *Varadouro*.
Discursos de resistência.

Abstract

In this work, we intend to do a study around the *Varadouro* newspaper in Acre; precisely as a resistance element against the speeches and the policies of the military and state governors. It was through the discourses of resistance which now link a (re) presentation of a new conflictual reality in Acre. For this study, we will use as the theoretical/methodological research of Mikhail Bakhtin; plus charges, which will allow us to do a concise study of this newspaper in Acre, we notice allowing its use as a means resistance to the oligarchies and Acre rulers appointed by the military dictatorship..

Keywords

Official discourse.
Newspaper *Varadouro*.
Resistance discourses.

1 Este artigo fez parte de uma pesquisa realizada para minha dissertação, em que fui orientado pela pós-doutora Simone de Souza Lima, a qual agradeço de todo o meu coração. Este trabalho traz à tona o desejo de evidenciar as lacunas historiográficas da região amazônica Sul-Occidental, no que concerne aos movimentos discursivos de resistência frente à pecuarização do estado do Acre.

2 Mestre em Letras: Cultura e Sociedade, pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

1. Introdução

Neste artigo, propomos mostrar os discursos de resistência emanados no jornal *Varadouro*, fazendo uma breve análise sobre os discursos vinculados pelos chefes políticos no Acre, trazendo seus desejos de “progresso”, de desenvolvimento do Acre com o novo elemento ou segmento político e econômico adotado pelos governos militar e estadual, que resultou no processo de pecuarização do Acre.

Procuramos mostrar como os governos utilizaram as mídias para o discurso ideológico, principalmente o governo Wanderley Dantas, período em que se intensificou a pecuária no Acre, de 1971 a 1975. Além do uso de órgãos do governo, como o Banco do Estado do Acre (Banacre), a Polícia etc., para o financiamento aos “paulistas”;³ auxílio para expulsar os colonos, índios e seringueiros de suas terras, a violência, o desmatamento desenfreado e os conflitos que se iniciaram e se intensificaram entre esses atores sociais nesse momento. E como esses episódios da história acreana desencadearam gritos de liberdade, de resistência, por parte da população mais “pobre”, da população afetada pelos conflitos e daqueles que eram contra os “paulistas” e a política adotada pelos governantes acreanos, fazendo emergir discursos populares, de resistência, em destaque, no jornal *Varadouro*.

2. Reação e/ou contrarreação: emergem discursos de resistência no jornal *Varadouro*

Iniciamos este tópico com uma indagação: como articular as discussões sobre as mídias, dentre elas o jornal *Varadouro*, produzidas entre os anos 1971 e 1981? Ideologicamente, seguindo o pensamento bakhtiniano, todos dialogam tendo em vista a elaboração de resistência a um poder estabelecido. Embora expressos através de linguagens distintas, o *Varadouro* combate através da informação aos leitores - e com a utilização de charges - a corrupção na sociedade. Fazendo críticas ferrenhas à invasão dos “sulistas” ou “paulistas”, e o conseqüente “deslocamento” violento dos habitantes das florestas amazônicas, resultando em violências diversas, influenciado pelo pensamento libertário da Teologia da Libertação, em menor ou maior escala.

Logo, esse meio de comunicação ganhou contornos de resistências aos discursos proferidos pelos governos federal e estadual, de 1977 a 1981. O jornal nasceu no ano de 1977 por iniciativa da Igreja Católica do Acre. No entanto, merece destaque a existência do boletim *Nós Irmãos* que antecedeu o jornal *Varadouro*. Há que se evidenciar, segundo Costa Sobrinho (2000), que a Igreja Católica, na figura da

3 Cabe aqui evidenciarmos que essa terminologia está inserida em um debate da historiografia acreana, que em si mesmo não é foco do nosso trabalho, porém, achamos importante fazermos essa marcação a título de esclarecermos que há um debate, uma discussão ao significado do termo “paulista” ou “sulista” que, correntemente, é/foi utilizado pela população acreana e por vários pesquisadores, como sendo uma referência à visão do povo acreano. Ou ainda, como uma simples forma de designar um conjunto genérico de mudanças socioeconômicas no Acre. Entretanto, foi comumente utilizado para denominar qualquer pessoa oriunda de outra região brasileira, ou seja, todos aqueles que vieram para o Acre de outros lugares.

Prelazia do Acre e Purus, financiou a fundação do jornal *Varadouro* com o intuito de “desmascarar”, de denunciar a realidade imposta pela classe dominante aos mais “pobres”: seringueiros, índios e colonos.

É relevante verificar aqui o papel que a igreja desenvolve: ao mesmo tempo em que se preocupa com a “cura” espiritual dos fiéis, trata de estabelecer um “canal” de reflexão e esclarecimento das consciências em relação à classe dominante. Segundo Foucault, em seu livro *Microfísica do poder* (1979), o exemplo aqui referido mostra que todo saber assegura o exercício de um poder.

De acordo com Costa Sobrinho (2000), a Prelazia do Acre e Purus pregava a Teologia da Libertação, uma corrente marxista na Igreja, que tinha como escolha a defesa aos pobres, povo anegado pelo novo segmento ou elemento político e econômico adotado pelo governo acreano no início da década de 1970: a pecuária. E esse povo anegado teve sua mobilização e representação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB):⁴

Surgiu (a idéia de fundar o jornal) em decorrência do momento que o Acre vivia. No começo dos anos 70, a revoada de jacus chegando. A imprensa aqui era ‘*O Rio Branco*’ feito com notícias que eram mandadas pela elite, não tinha repórter. Não havia preocupação de ver o que acontecia no Estado. Estava acontecendo muita coisa que só veio aparecer com o *Varadouro*. Era como se não tivesse conflito aqui. Mas já havia expulsão, desmatamento, desde o comecinho dos anos setenta. Em 75 foi que a gente começou atuar aqui, quando se formavam grupos da igreja, da universidade, e o grupo que queria o jornal. (Entrevista com Elson Martins, 24 de junho de 2006)

Dessa forma, observamos o caráter de oposição que o jornal trazia em sua origem, uma forma “escancarada” e determinante de se opor aos grandes fazendeiros, ao governo e às oligarquias acreanas, de denunciar os conflitos pela posse de terra, o desmatamento, a expulsão dos “povos da floresta”, enfim, fazer uma nova representação da realidade acreana, “rejeitada” pelos demais meios de comunicação, em destaque o jornal *O Rio Branco*.

Segundo Portela (2009), o *Varadouro* trouxe consigo uma maneira nova de representação, não no prisma da classe dominante em vigor, das oligarquias locais e dos mais “poderosos”, mas sim no prisma daqueles que eram “excluídos”, “deteriorados” dos interesses sociais do estado do Acre: os seringueiros, índios e colonos.

A partir desse ponto do nosso trabalho, trazemos algumas charges que tematizam a relação assimétrica entre os “poderosos” e os “excluídos”. O que é a charge? Segundo Cagnin, “[é um] desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, criticar e satirizar” (CAGNIN, 1979, s/n), tem fundamento nas relações de poder estabelecidas em determinada sociedade. Em nosso trabalho, apresentamos algumas charges que

4 Grupo iniciado a partir da experiência da Igreja Católica, entre o entendimento do bispo D. Giocondo Grotti e o padre Manuel Pacífico, na cidade de Rio Branco e distrito Quinari, na década de 1970. Indicamos, ainda, a título de aprofundamento e maior esclarecimento sobre as CEB no Acre, a dissertação de autoria de Nilson Moura Leite Mourão, intitulada *A prática educativa das CEB: popular e transformadora ou clerical e conservadora?* São Paulo: PUC-SP, 1988.

tratam do contexto histórico e social em que o Acre estava imerso no período compreendido entre os anos 1971 e 1981. Vale destacarmos que as charges encontradas ao longo do nosso texto, ilustram a resistência contra o discurso oficial, e, que por ser um texto breve, não foi nossa intenção aprofundá-las, porém, apenas mostrá-las como contradiscursos, discursos de resistência.



Figura 1: Charge retirada do jornal *Varadouro*, março de 1980, n.º 18, p. 14.

Dessa forma, na charge retirada do jornal *Varadouro* (Figura 1), verificamos uma forma de representação dos maus tratos e das humilhações sofridas pelos índios acreanos, vistos como escravos, como intrusos que se infiltraram num lugar que a eles não pertencia: a cidade. Importa verificar aqui, na acepção bakhtiniana, que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto”. (BAKHTIN, 1995, p. 106) Logo, verifica-se que o jornal *Varadouro* através de suas manchetes, figuras, e charges, utiliza-se dessa linguagem para mostrar a realidade de acordo com a visão ideológica de seus redatores e produtores.

Entretanto, esses mesmos índios foram expulsos do seu espaço, do seu lugar, tanto pelos seringalistas no final do século XIX e início do século XX quanto pelos pecuaristas na década de 1970, quando não foram feitos “trabalhadores” nesses sistemas econômicos que vigoraram no Acre. A charge acima destacada denuncia as desigualdades sociais vigentes que, conforme Dominguez (falando em outro contexto),

As charges permitem uma visão de um tempo, as indignações, ameaças, riscos e esperanças desse tempo. Elas não são unívocas ou caminham nas mesmas direções: apontam a existência de fatos, diálogos, estratégias, interesses e lutas em uma dada conjuntura. Se não interferem diretamente sobre os eventos observados e as ações humanas, ao menos comentam esses eventos e ações. (DOMINGUEZ, 2012, p. 67)

Num período em que os conflitos sociais por domínio de terras, por um novo elemento político e econômico e, conseqüentemente, uma “nova” classe emergente que vigorava no Acre, as oligarquias agropecuárias, que entram em cena, nesse palco de conflitos cheios de interesses comuns (o monopólio das terras acreanas e o enriquecimento fácil), que o jornal *Varadouro* passa a assumir esse papel de produzir contra discursos, discursos de resistência contra outras mídias controladas pelo governo, que vinculavam os seus interesses e desejos.

Via-se o uso dos meios de comunicação existentes no estado, antes do boletim *Nós Irmãos* e do jornal *Varadouro*, a favor dos mais ricos, noticiando seus interesses e o ideal de “progresso” para o Acre. Entretanto, segundo Portela (2009) e Costa Sobrinho (2000), foi com a chegada do *Varadouro* que se começou a noticiar, a confrontar as outras mídias de propriedade das oligarquias acreanas, a mostrar outra representação da realidade, com a expulsão dos seringueiros e índios de suas terras e a pobreza que se consolidava no Acre. Esse foi o papel que o *Varadouro* inseriu naquele momento, conforme podemos observar na carta de apresentação aos seus leitores, abaixo destacada:

Este modo de encarar a realidade permite inclusive que cultivemos alguns propósitos e ambições, *Varadouro*, como o nome sugere, propõe-se contar o momento histórico atual do Acre e de sua gente. No auge das ‘folias do látex’, que aconteceram nesta parte da Amazônia Ocidental, existiram dezenas de jornais. O Acre, atualmente, restringindo uma expressão do nosso amigo e entrevistado Márcio Souza, recebe uma segunda “patada” histórica e reclama da consciência do jornalista o registro dos fatos, mas principalmente das conseqüências desse processo. *Varadouro* é, pois, um dever de consciência de quem acredita no papel do jornalista. É propositadamente feito aqui na ‘terra’. Sai, portanto, de uma forma rude, ‘cabocla,’ sem técnica, cheio de limitações e gerado pela necessidade de colocar em discussão os problemas de nossa região, do nosso tempo e, principalmente, de nossa gente [...] achamos que vale a pena assumi-la, porque acreditamos que o homem acreano e o da Amazônia em geral merecem muito mais do que simplesmente o ‘berro do boi’ [...] (Jornal *Varadouro*, maio de 1977, p. 2)

O *Varadouro* surgiu, portanto, como instrumento que instituiu ao povo o debate sobre um novo segmento político e econômico no estado, política adotada pelos governantes em relação à terra e com a introdução ampla da pecuária, que tão longe passou daqueles discursos de desenvolvimento e progresso que traria. Pelo

contrário, trouxe a opressão, a violência, o caos para o povo acreano, em destaque, seringueiros, colonos e índios.



Figura 2: Charge extraída do jornal *Varadouro*, maio de 1980, n.º 19, p. 1.

A charge (Figura 2) elabora a representação do processo de pecuarização e os interesses inescrupulosos dos grandes empresários vindos do centro-sul do país, que resultou na expulsão dos colonos, índios e seringueiros de suas terras para a cidade, aumentando os índices de precarização de vida. O chargista utiliza expressões chamando a atenção do leitor para o surgimento de uma classe dominante, formada agora pelos “coronéis” da agropecuária. Daí, certo tom panfletário marcado nos corpos das vacas: “Cia novos Coronéis”, “Exploradora 100 Escrúpulos” e “Usurpadores Reunidos”.

Isso comprova, na acepção bakhtiniana, que as charges aqui destacadas atuam como “signos [que] só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (BAKHTIN, 1995, p. 34), aqui no caso, a sociedade.

Essa estratégia discursiva coaduna-se com os interesses do jornal *Varadouro* em combater essa desinformação dos demais jornais locais, conforme afirma Portela (2009):

A argumentação de fundação do *Varadouro* elucidada que, estes jornais, integrantes de grupos comerciais amplos e normalmente com investimentos em pecuária, cumpriam o papel de encenadores da / realidade social e política, internos e externos, do Acre e acabavam por deformá-la. A visão de Acre que ofereciam era polida, conforme o interesse de uma classe social, fabricando coletivamente representações sociais que, mesmo estando afastadas da realidade, perduravam. (PORTELA, 2009, 30)

Dessa forma, o *Varadouro* veio denunciar a opressão, o derramamento de sangue em que o Acre estava imerso, a favor dos mais humildes, contra os mais ricos que contavam com a colaboração dos meios de comunicação. Veio ser o lugar, a voz de um discurso popular, discurso de resistência, como o próprio redator do jornal afirmou em entrevista:

O jornal tinha a função e o dever moral, porque era para isso que ele existia, de denunciar os crimes praticados contra os seringueiros, os índios, os agricultores, de um modo geral, das pessoas que sempre moraram na floresta e que naquele momento enfrentavam uma violência nunca antes vista, nunca imaginada por eles. Um homem da floresta era capaz de enfrentar uma onça, mas a agressão que ele sofria por parte dos fazendeiros era tão indigna que ele não resistia à humilhação. No *Varadouro* fizemos a opção por apoiar essas pessoas, que nós respeitávamos profundamente, na resistência iniciada a partir da influência da Igreja e da Conab. O *Varadouro* era a voz dessa resistência e, com o tempo, passou a ser instrumento de luta do movimento social. (Entrevista com Elson Martins, Rio Branco, 2006)

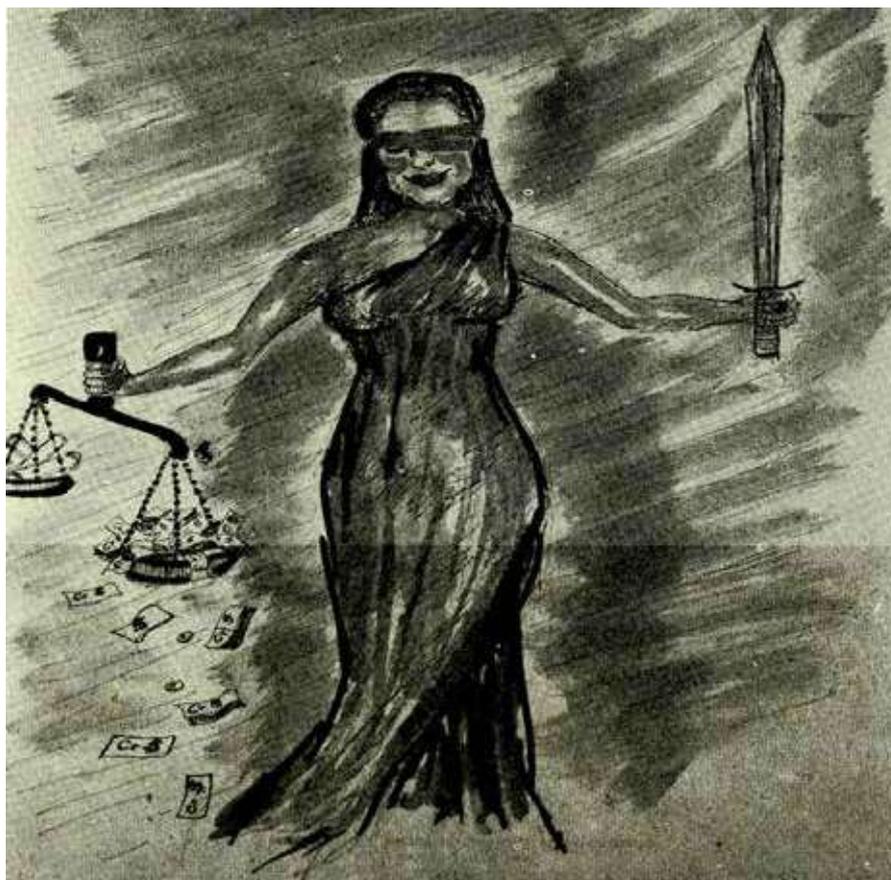


Figura 3: Charge retirada do jornal *Varadouro*, setembro de 1978, n.º 12, p. 7.

A charge apresentada na Figura 3 elabora uma representação crítica da justiça no Brasil. Nela, uma mulher com os olhos vendados simboliza a desigualdade

da justiça no Acre. A balança que ela porta na mão direita pesa mais para o lado de quem tem dinheiro, das elites oligárquicas do estado do Acre. Notamos ainda que a venda da justiça está tapando somente um olho, ou seja, que a justiça está olhando, quando julga, a favor dos grandes fazendeiros, da elite no Acre. Gesto significativo, ele serve para comprovar conforme nos diz Mikhail Bakhtin, que “nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente” (BAKHTIN, 1995, p. 38), ou imagetivamente.

Já na entrevista de Elson Martins, com um dos redatores do jornal *Varadouro*, verificamos o conteúdo marcadamente ideológico assumido, que se colocava na defesa dos povos anegados e na condição de resistência ao poder das elites constituídas no estado.

Nesse sentido é que o *Varadouro*, também conhecido como *Jornal das Selvas*, foi atuante num período de cinco anos no estado do Acre, de maio de 1977 a dezembro de 1981, tendo 24 edições publicadas. Tornou-se logo um instrumento de resistência através de seus discursos populares, seus contradiscursos, discursos estes que iam de encontro àqueles pregados pela classe dominante, os ricos empresários e os chefes políticos. Como podemos notar nos títulos das principais manchetes contidas nas capas dos jornais, abordando a violência, a questão indígena, a crítica aos governantes, a corrupção, a questão ambiental, as lutas pela posse da terra, a expulsão dos seringueiros, colonos e índios de suas terras pelos “novos donos do Acre”, o auxílio de órgãos do governo, como a polícia aos grandes empresários do centro-sul do país, entre outros temas:

- Edição n.º 1 – maio de 1977 “Índios do Acre”.
- Edição n.º 2 – junho de 1977 “O Acre nos jornais velhos...”.
- Edição n.º 3 – agosto de 1977 “Terra, a briga para ser dono”.
- Edição n.º 4 – setembro de 1977 “Centenário de migração nordestina para o Acre”.
- Edição n.º 5 – novembro de 1977 “Caeté, onde se vive apenas 20 anos”.
- Edição n.º 6 – dezembro de 1977 “Prostituição – Acre”.
- Edição n.º 7 – fevereiro de 1978 “Nóis queria um governador que olhasse pra nossa miséria”.
- Edição n.º 8 – março de 1978 “Amazônia ameaçada”.
- Edição n.º 9 – maio de 1978 “Índio sabe falar sim.”
- Edição n.º 10 – junho de 1978 “Trabalhadores, se a gente se unir numa boca só”.
- Edição n.º 11 – agosto de 1978 “Lavadeiras: as patroas vão ter de pagar mais”.
- Edição n.º 12 – setembro de 1978 “A quem serve a justiça acreana”.
- Edição n.º 13 – dezembro de 1978 “MDB ganha mas não leva”.
- Edição n.º 14 – março de 1979 “O Acre corre sérios riscos”.
- Edição n.º 15 – junho de 1979 “Os seringueiros precisam gritar bem alto e todos juntos”.
- Edição n.º 16 – outubro de 1979 “O grande mutirão contra a jagunçada”.

- Edição n.º 17 - dezembro de 1979 "Um retrato do Acre".
- Edição n.º 18 - março de 1980 "Violência está aumentando no Acre".
- Edição n.º 19 - maio de 1980 "Os novos donos do Acre".
- Edição n.º 20 - abril de 1981 "Bairro João Eduardo".
- Edição n.º 21- maio de 1981 "Panela no fogo, barriga vazia".
- Edição n.º 22 - junho/julho de 1981 "Seringueiro defende seu chão".
- Edição n.º 23 - agosto/setembro de 1981 "Onde há terra para viver?".
- Edição n.º 24 - dezembro de 1981 "Maconha: ilusão ou busca".



Figura 4: Charge retirada do jornal Varadouro, maio de 1980, n.º 19, p. 10.

A charge na Figura 4, além de fazer uma representação crítica dos processos de corrupção que vigoravam no período, elabora a denúncia ao uso de setores do governo e a corrupção instaurada por funcionários, nesse caso, por parte do Banacre e seus funcionários, que financiavam, facilitavam o crédito aos paulistas no Acre.

Em algumas de suas manchetes e charges espalhadas pelas 24 edições, podemos notar claramente os discursos de resistência que ecoavam dentro do jornal, que iam ao embate com os discursos das oligarquias acreanas, denunciando a violência, a exploração, tornando o invisível em visível, ou seja, segundo Portela (2009), trazendo uma amostragem da realidade acreana não vinculada, não revelada pelos demais meios de comunicação, que eram controlados pela classe dominante no poder, numa clara demonstração de que "cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica" (BAKHTIN, 1995, p. 43), assim como nos esclarece Bakhtin.



Figura 5: Charge retirada do jornal Varadouro, dezembro de 1979, n.º 17, p. 19.

A charge constante na Figura 5 destaca ao modo de representação um importante organismo repressor do estado: a Polícia. Nela, a Polícia, com toda a sua violência, ataca aparentemente sem razão um homem de bolsos vazios e descalços, símbolo da pobreza, ao invés de atacar e punir os sujeitos envolvidos nos atos de corrupção que grassavam no interior do próprio governo.

A charge em destaque nos leva a crer, como diz Althusser, que o papel do aparelho repressivo do Estado “consiste essencialmente, como aparelho repressivo, em garantir pela força (física ou não) as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância relações de exploração”. (ALTHUSSER, 1985, p. 74)

Na acepção acima destacada, percebemos que o jornal *Varadouro* cumpriu o seu papel de resistência, de vinculação dos discursos populares, mostrando uma nova representação da realidade da região, os problemas sociais causados pela pecuarização no estado do Acre e desmascarando os discursos dos governantes, mostrando que os tão sonhados desenvolvimento e progresso, pregado pelos governantes, não passavam de delírios, e, na verdade, trouxeram o inverso: miséria, violência para um povo já tão sofrido, castigado. Porém, que soube reagir, abrir passagem e tornar-se assim notabilizado, visível, ganhando o direito de falar, de produzir seus discursos, de manifestá-los, ganhando o seu espaço.

3. A produção de discursos de resistência no âmbito “midiático” na cidade de Rio Branco

Outra mídia que colocou em prática os discursos de resistência foi o cinema, e em destaque aqui o grupo de jovens cineastas⁵ de Rio Branco, que propuseram mostrar a realidade, ou melhor, o contexto social e econômico em que o Acre vivia em épocas de Ditadura Militar. Mais uma vez, é importante salientarmos que o destaque principal atribuído aos jovens cineastas acreanos é uma produção de discursos que iam a embate aos discursos oficiais do governo. Contudo, para maior esclarecimento dessa história, recomendamos a leitura do livro do professor Hélio Moreira, intitulado *Acre (anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas acreanos (1972-1982)*.

O cinema, ou melhor, o filme, assim como observou Ferro (1992), traz consigo significados que vão além do cinematográfico. Além da arte, ele traz em si o contexto sócio-histórico de sua abordagem, o qual se integra ao mundo que lhe rodeia, como ele mesmo define:

O filme aqui não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza [...] e a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente. (FERRO, 1992, p. 87)

E esse caráter foi assimilado por aqueles jovens que participavam dos grupos da Igreja Católica, as CEB, onde puderam ter experiências religiosas, experiências sociais, as quais lhes proporcionaram a assimilação das lutas, dos conflitos em que Rio Branco e o restante do Acre estavam mergulhados por conta da nova política proposta pelo governo do estado e o governo militar: a pecuarização.

“É na comunidade de base que começa a definir-se o papel daqueles jovens nos conflitos que estavam se desenhando na capital, [...] as posições que cada um podia e deveria desempenhar.” (COSTA JUNIOR, 2002, p.48)

Nesse momento, influenciados pelos debates propostos pelas CEB e pelos sucessos estrondosos das novelas radiofônicas da década de 1960 e início dos anos de 1970, quatro jovens, em seu início, Antônio Evangelista de Araújo – conhecido no mundo artístico como Tonivan – Raimundo Ferreira, Ozenira Brito e Teixeira da Acre – nome artístico de João Batista de Assunção Marques – decidem, nesse primeiro instante, produzir novelas radiofônicas. Entretanto, os obstáculos encontrados suplantaram o sonho daqueles jovens em realizar o seu intento. Como observa Costa Júnior (2002):

5 Essa terminologia foi utilizada pelo historiador Hélio Moreira da Costa Júnior, em seu livro *Acre (anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas acreanos (1972-1982)* como analogia aos jovens da cidade de Rio Branco, com faixa etária entre 12 a 17 anos, que idealizaram seus sonhos de produzirem seus próprios filmes, influenciados por um livro chamado *O jovem cineasta*.

[...] A idéia de fazer novela radiofônica parecia improvável, já que comprar um gravador de melhor qualidade era impraticável e somente se poderia gravar na rádio, mediante pagamento pelo horário de gravação no estúdio. O preço do estúdio era muito elevado e, além do mais, devido a pouca idade dos idealizadores, nenhuma empresa levava a sério as pretensões dos meninos, cujas idades oscilavam entre 12 e 17 anos de idade. (COSTA JUNIOR, 2002, p. 45)

Porém, mesmo diante desse fato, esses jovens não desanimaram em realizar seus sonhos, mesmo que fossem em outra área, e como já dizia a celebre frase: “sonho que se sonha junto é realidade”. Teixeira do Acre, juntamente com Tonivan, propõe algo novo e surpreendente, ou inusitado para os demais: “Vamos fazer cinema!”

E essa outra possibilidade começa a se apresentar diante de seus olhos, fazendo com que eles comecem a se articular, a forjar uma prática alternativa.

Então, no dia 16 de março de 1973, no salão paroquial da antiga igreja de São Sebastião, às 16h, surgia a concretização de um sonho, nascia oficialmente o grupo Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos (Ecaja Filmes).

O nome quem deu foi o Antônio Dourado, né?, que já faleceu aos 47 anos de idade. Mas ele era também um entusiasta, era um jovem da época e foi ele quem deu o nome. O ECAJA FILMES significa então: Estúdio Cinematográfico Amador de Jovens Acreanos. É porque todo mundo saiu depois da reunião com a incumbência de tirar um nome pro grupo, já era um grupo na época. Isso em 73, [...] o grupo tava montado e não tava inaugurado. Em 72, nós, já fazíamos novelas radiofônicas e os filmes começavam. [...] Então nós saímos de uma reunião com a incumbência de trazer um nome pro grupo, aí quando o Dourado chegou na reunião. Todo mundo trouxe os nomes e tudo, e foi quando o Dourado lançou a idéia do ECAJA FILMES. (Entrevista com João Batista Marques de Assunção, Rio Branco, 2001)

O grupo de jovens cineastas já estava a pleno vapor em suas produções, já que a filmagem de seu primeiro filme, *Fracassou meu casamento*, já estava quase concluída, sendo finalizada meses depois, em meados de junho de 1973.

Nesse momento, a resistência eclode no Ecaja Filmes, mostrando que aqueles discursos proferidos pelos governantes do Acre de que a pecuarização traria para o estado o “progresso” e o desenvolvimento, não passavam de falsos discursos, e a resistência, assim como em outros cantos de Rio Branco, pediu espaço pra passar com as atitudes tomadas por aqueles jovens cineastas.

Vemos nitidamente essa resistência na produção do segundo filme, *Rosinha, a rainha do sertão*, produzido no ano de 1974, que retratava aquele momento difícil que o Acre vivenciava. Assim como afirmou Costa Junior, em seu livro, “o segundo filme proposto por João Batista, se transformaria em clássico do cinema acreano [...] seria um enredo que abordaria o assunto dominante na cidade naquele tempo: A chegada dos chamados ‘paulistas’”. (COSTA JUNIOR, 2002, p. 79)

O grupo Ecaja Filmes passava dessa forma a vivenciar e “experimentar novas dimensões do social e do político”. Assim, no seu segundo filme, observamos nitidamente uma produção de um contradiscurso, discurso de reação e resistência ao discurso do Estado. Para compreendermos melhor essa resistência, basta apenas lançar o olhar sobre a sinopse do filme:

Rosinha, a rainha do sertão.

No início da década de 70, o Acre experimentava os sintomas iniciais de uma nova ordem econômica e social, com a chegada de ‘sulistas’ atraídos pela oferta de terras que comprariam por quase nada, para implantar a pecuária. Rosinha e seu pai, o coronel Tenório, vivem o drama desse choque cultural, tendo como pivô os sulistas Rogério e Ribamar que envolvem Rosinha como álibi para Rogério herdar as terras do coronel. Rosinha descobre a trama, rompe o noivado com Rogério e volta ao sertão para casar-se com João, seu ex-noivo, no meio de uma sucessão de brigas corporais, provocadas por Rogério e Ribamar. (COSTA JUNIOR, 2002, p. 137-138)

O filme *Rosinha, a rainha do sertão*,⁶ foi um longa-metragem produzido pelo Ecaja Filmes, no ano de 1974, com direção e roteiro de João Batista. Nele, observa-se nitidamente um discurso de resistência à chegada dos paulistas no Acre, aos devaneios de progresso e desenvolvimento do Acre delirados pelos governantes, especialmente pelo governo Wanderley Dantas.

Em entrevista concedida ao historiador Hélio Moreira da Costa Júnior, um dos representantes do Ecaja filmes descreve e elucida a intenção do filme, que tomou a si esse discurso de aversão, de resistência, um contra discurso.⁷

[Queriam] mudar os costumes do povo daqui, né? Numa linguagem diferente, procedimento diferente, forma de se relacionar diferente, forma de ver o mundo diferente; ‘nego passado na casca do alho’ e chega no Acre. Aqui, que só tinha gente pacata, nordestino, todos os costumes aqui giravam em torno do forró, da música nordestina, debochada, popular, entende? E o povo vivia assim... Fazendo festa, fogueira de São João, era uma população bem anordestinada, né? E quando esses sulistas chegaram foi assim derrubando a mata. Aí começou a matança de índio, a matança de posseiro e começou a haver conflito. [...] Teixeira quis fazer um filme aonde chegava os sulistas pra comprar terra e enganava os acreanos. Os sulistas enganavam os acreanos, botavam os acreanos no bolso. Era os espertos, na realidade era assim mesmo, né? E ele quis fazer um filme que retratasse isso, né. Os caras vindo comprar terra (Grifo meu),

6 Produção Ecaja Filmes, ano de 1974, em Rio Branco. Argumentação, roteiro, montagem e direção: João Batista; câmeras: Raynato Silva, João Batista e Adalberto Queiroz; diretor fotográfico: Adalberto Queiroz. Elenco do filme: João Batista, Joracilda Gomes, Adalberto Queiroz, Markísio Lima, Raimundo Ferreira, Capixaba, Maria Brito, Maria Rita, Acirema Marquez, Avelino Acióle, Ana Maria, Graça Queiroz. Participação especial: Raimunda Bessa.

7 Pelo pequeno espaço que temos, por se tratar de um breve artigo, indicamos que assistam ao referido filme ou façam a leitura do livro do professor Hélio Moreira, anteriormente citado.

mas aí ele botou que tinha um coronel que não vendia terra pra ninguém, né? A idéia na cabeça dele é que o acreano não devia vender terra, então ela botou esse coronel. Não o coronel não vende as terras, bota os sulistas pra correr. Ele queria passar essa ideia, né? (Entrevista com Adalberto Queiroz, Rio Branco, 2001).

Fazendo uma análise de algumas cenas do próprio filme, observamos mais nitidamente os discursos presentes que reagiam contra a figura do paulista na região acreana, naquela época. De como eles vinham atraídos pela facilidade da aquisição da terra, como zombavam do modo de vida dos acreanos, dos seus costumes e tradições e como atribuíam ao Acre uma imagem de atraso.

Rogério (um 'paulista') fala: - Esta região já se toca música nordestina?; A rádio daqui só toca isso; ao que Ribamar (outro 'paulista') responde: - Parece né, tchê! [...] (Em outra cena) Rogério Fala: - Dizem que é muito fácil comprar terras no Acre, mas o único jornal que tem na capital não tem classificados, tchê! [...] (Em outra cena): Rogério fala: - Pra você ter idéia, não existe imobiliária na cidade. É um absurdo (Filme *Rosinha, rainha do sertão*, Rio Branco, 1974).

4. Considerações finais

Portanto, observamos que a mídia, aqui representada pelo cinema, trouxe em si as marcas de discursos populares de resistência em contraposição aos discursos dominantes que pairavam nos "céus" de Rio Branco e que tinham espaço garantido na maioria dos meios de comunicação (controlados pelo Estado). Não obstante, houve outros discursos de resistência pairando nos ares de Rio Branco, fazendo oposição ao discurso do Estado, na década de 1970, refletido em outros campos artísticos e culturais.

Assim, essas mídias ganharam esse contorno social no estado, fazendo com que a prática discursiva de resistência fosse ecoada na capital e no estado do Acre no período em questão, porquanto os meios de comunicação, as mídias, em sua maioria, eram de propriedade do Estado e serviam para a vinculação de seus discursos carregados de interesses e poder.

5. Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CAGNIN, Antônio Luiz. **Carões, caras e caretas**: salão de humor e de outros humores. [S.l.: s.n.], [19--]. Mimeografado.
- COSTA JÚNIOR, Hélio Moreira da. **Acre(anos) de Cinema**: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas (1972-1982). Rio Branco: Edufac, 2002.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. **Meios alternativos de comunicação e movimentos sociais na Amazônia Ocidental (Acre: 1971-81)**. São Paulo: USP, 2000.

DOMINGUEZ, Bruno Camarinha. **Charges e Discurso**: Episódio da Febre Amarela. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação de Comunicação e Informação Científica de Tecnologia em Saúde, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DOMINGUEZ, Bruno Camarinha. **Charges e Discurso**: Episódio da Febre Amarela. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação de Comunicação e Informação Científica de Tecnologia em Saúde, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

MACHADO, Tânia Mara Rezende. **Migrantes sulistas**: caminhadas, aprendizados e a constituição de modos de vida na região acreana (1977- 2000). Pernambuco, UFPE, 2002.

MOURÃO, Nilson Moura Leite. **A prática educativa das CEBs**: popular e transformadora ou clerical e conservadora? São Paulo: PUC - SP, 1988.

PORTELA, Michelle da Costa. **Varadouro - Um jornal das selvas**: um estudo sobre a vida no alternativo. Manaus, 2009.

5.2- Publicações periódicas:

5.2.1- Artigos e/ou matérias de jornais: Jornais

Jornal **Varadouro**, Ano I – n. 1 maio de 1977.

_____, Ano I – n. 2 junho de 1977.

_____, Ano I – n. 3 agosto de 1977.

_____, Ano I – n. 4 setembro de 1977.

_____, Ano I – n. 5 novembro de 1977.

_____, Ano I - n. 6 dezembro de 1977.

_____, Ano I- n. 7 fevereiro de 1978.

_____, Ano I- n. 8 março de 1978.

_____, Ano I- n. 9 maio de 1978.

_____, Ano I- n. 10 junho de 1978.

_____, Ano II- n. 11 agosto de 1978.

_____, Ano II- n. 12 setembro de 1978.

_____, Ano II- n. 13 dezembro de 1978.

_____, Ano II- n. 14 março de 1979.

_____, Ano II- n. 15 junho de 1979.

_____, Ano II- n. 16 outubro de 1979.

_____, Ano II- n. 17 dezembro de 1979.

_____, Ano II- n. 18 março de 1980.

_____, Ano II- n. 19 maio de 1980.

_____, Ano IV- n. 20 abril de 1981.

_____, Ano IV- n. 21 maio de 1981.

_____, Ano IV- n. 22 junho/julho de 1981.

_____, Ano IV- n. 23 agosto/setembro de 1981.

_____, Ano IV- n. 24 dezembro de 1981.

5.2.2- Fontes Orais/Entrevistas:

MARTINS, Elson. Entrevista a Michelle da Costa Portela, Rio Branco, 24/06/2006, em decorrência da produção de sua dissertação de mestrado intitulada *Varadouro - um Jornal das Selvas: um estudo sobre a vida no alternativo*. Manaus, 2009.

_____. Entrevista concedida a Michelle da Costa Portela, Rio Branco, 24/06/2006, em decorrência da produção de sua dissertação de mestrado intitulada *Varadouro - um Jornal das Selvas: um estudo sobre a vida no alternativo*. Manaus, 2009.

MARQUES DE ASSUNÇÃO, João Batista. Entrevista concedida ao historiador Hélio Moreira da Costa Júnior, Rio Branco, 01/11/2001.

QUEIROZ, Adalberto. Entrevista concedida ao historiador Hélio Moreira da Costa Junior, Rio Branco, 19/09/2001.

5.2.3- Filme:

“Rosinha, a Rainha do Sertão” Produção Ecaja Filmes, ano de 1974, em Rio Branco. Argumentação, roteiro, montagem e direção: João Batista; câmeras: Raynato Silva, João Batista e Adalberto Queiroz; diretor fotográfico: Adalberto Queiroz. Elenco do filme: João Batista, Joracilda Gomes, Adalberto Queiroz, Markísio Lima, Raimundo Ferreira, Capixaba, Maria Brito, Maria Rita, Acirema Marquez, Avelino Acióle, Ana Maria, Graça Queiroz. Participação especial: Raimunda Bessa.